

Feminino e Masculino

JOSÉ MIGUEL RAMOS DE ALMEIDA (*)

Feminino e masculino significam o conjunto das características anatómicas, psíquicas e sociais que numa determinada cultura são próprias ou mais marcantes na mulher ou no homem.

As características psíquicas e sociais constituem os papéis sexuais – papéis que, embora com tendência para se esbaterem estão bem presentes na sociedade contemporânea. No entanto, a sua existência no passado é, por alguns, posta em causa.

Assim, há quem defenda que nas primitivas hordas nómadas, que viviam da caça e da pesca, os homens e as mulheres, integrados no grupo, tinham papéis idênticos.

Terá sido quando as populações passaram a viver sedentariamente e a entregarem-se à agricultura e ao pastoreio, que os papéis do homem e da mulher se começaram a separar – significado da palavra latina *sexus*.

Depois, pela força e maior capacidade para lutar, fazer escravos e angariar outros bens, o poder material e até o espiritual e, logo, a supremacia social, transitaram gradualmente para os homens. O passo seguinte foi o nascimento nos homens da ambição de que o poder conquistado e os bens amealhados fossem transmitidos a filhos da indiscutível linhagem paterna.

Isto obrigou a alterações na organização sexual, que de comunitária e depois matrilinear (poliândrica ou monoândrica) evoluiu para patrilinear (poligâmica ou monogâmica).

Assim, nasceu a família moderna, uma nova unidade social, cultural e financeira onde ao sexo masculino competia uma missão social e ao sexo feminino uma missão biológica, logo papéis sexuais muito distintos.

A análise dos papéis sexuais é, porém, complexa, porque não é possível uma definição de homem ou de mulher que englobe a totalidade das características mitos e hábitos que os enformam nas diversas culturas e épocas.

Na nossa cultura a tirania do papel sexual começa exercer-se ainda antes do nascimento, com a preferência (que hoje pode ir até à escolha) de um dos sexos.

Depois, durante a infância, a diferenciação continua nas roupas, nos brinquedos, no modo de convívio.

Na escola, os próprios textos literários das selectas oficiais enraízam profundamente nas crianças a consciência dos papéis sexuais. Neles os homens são apresentados como activos, agressivos, extrovertidos, espontâneos, empreendedores e exercem uma ampla gama de actividades, ao passo que as mulheres são amáveis, delicadas, prestáveis, submissas, compreensivas, reservadas, dissimuladas, meticulosas quanto à sua apresentação e objectos pessoais e não desempenham qualquer profissão bem definida. E isto não se passa apenas na ficção, pois até os livros de História emprestam todo o protagonismo aos homens e deixam para as mulheres um papel subordinado, secundário ou meramente decorativo, que inclui até a maior personagem feminina da História – *Joana d'Arc* –, santa e mártir.

(*) Professor Catedrático de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa. Director do Serviço de Pediatria da Maternidade Dr. Alfredo da Costa.

Apesar da revolução sexual e da conquista pela mulher de muitos direitos e, portanto, de alguma uniformização, na nossa cultura exige-se, ainda hoje, que os homens sejam fortes, desportivos, lutadores, racionais, lógicos, criativos, que tenham com as mulheres uma relação ousada, dominadora e colorida de sexo, que tomem a iniciativa e que assumam as principais responsabilidades financeiras do lar onde executam também algumas tarefas, mas só algumas, rejeitando totalmente outras. Entretanto, das mulheres espera-se que em vez da força usem o artifício e a astúcia, que ajam com intuição e emotividade, que prefiram actividades menos violentas, que contribuam com uma parcela menor para o orçamento do lar onde executarão a maioria das tarefas, das quais algumas lhes estão exclusivamente reservadas.

E até nas relações sexuais há papéis. Nas mulheres a ligação até há pouco existente entre relação sexual e maternidade sublimou e espiritualizou o sexo e as pulsões são, mais do que nos homens, geridas pelo *superego*. Nos homens a excitação é mais rápida do que nas mulheres e o orgasmo mais fácil. Nos homens a libido é mais visual, nas mulheres a libido é multiforme – um olhar, um odor, uma entoação de voz, uma pressão de mãos – e num erotismo etéreo tudo indica que se eleva a alturas de emoção e de sensação nunca atingidas pelos homens.

São estes os papéis masculino e feminino, e há quem sustente que se a evolução da civilização separou na sociedade agrária os papéis do homem e da mulher, a mesma evolução da civilização fará no futuro desaparecer este afastamento não tradicional e *contra-natura*. Nessa ordem de ideias, do ponto de vista anatómico, o desenvolvimento dos seios, bacia e nádegas nas mulheres e dos ossos, músculos e pêlos nos homens será cada vez menor. Do ponto de vista social, a semelhança entre os modos de vestir, de pensar, de agir, entre as actividades profissionais e os seus proventos será cada vez maior. Do ponto de vista sexual, a igualdade na liberdade e a semelhança entre as atitudes sexuais, a transformação do casamento num contrato tardio entre um homem e uma mulher que depois de múltiplas experiências acreditam que encontraram o companheiro ideal e decidem então procriar, ou até a recusa da própria maternidade – segundo alguns feministas um modelo inventado

pelo homem para melhor amarrar a mulher – e o recurso aos bebês proveta, seriam outros passos nessa via.

Nada disto parece muito normal.

Há milénios que todas as culturas humanas, sem excepção, são estruturadas e moldadas na base de diferenças sexuais – uma condição básica de saúde psíquica e social. Todas separam papéis, tarefas e privilégios entre os dois sexos. É sintomático que o mesmo aconteça em todas as espécies animais.

Verdade seja que nestas diferenças tem havido uma insofismável injustiça para com a mulher. Mas para que se confira à mulher oportunidades e direitos iguais aos dos homens não é necessário uniformizar os dois sexos.

Não será mais certo em vez de falar em uniformização entre sexos, falar em complementariedade, evitando, assim, uma perigosa monotonia?

A realidade é bem mais bela, pois cada um dos sexos tem qualidades específicas que associadas permitirão que se alcancem metas mais ricas do que as que se alcançariam se os dois sexos agissem uniformemente.

MÃE E PAI

Sustenta-se que não há relação comparável em intimidade e intensidade à da mãe com o filho.

É, de facto, uma relação única.

Esta relação inicia-se logo durante a gestação, que a grávida vive com a plenitude, a alegria e o narcisismo naturais de quem sente em si um ser vivo que é o seu prolongamento e que devido aos alimentos que ela lhe fornece se vai gradualmente transformando no filho idealizado.

A elaboração pela mãe de todos estes sentimentos de orgulho e bem-estar, passam a ser muito mais ricos a partir do momento em que se iniciam os movimentos fetais.

Mas, esta comunicação não se dá só no sentido filho-mãe. Ela dá-se também no sentido mãe-filho

Na verdade, a partir do 5.º mês, o feto começa a ouvir os ruídos provenientes do corpo da mãe: as percussões do coração, as arcadas de violino do sangue a circular na aorta, os solos de oboé e de fagote do intestino e o mais importante – a

voz da mãe que ele desde logo vai aprender a distinguir de todas as outras e que ao longo da infância será sempre fonte insuperável de segurança, de conforto, de consolo amoroso.

Uma história bonita liga os movimentos fetais à voz da mãe.

Contou-a o meio-soprano Tereza Berganza, quando, ao estar grávida, actuou no Piccolo Scala de Milão: «Ele ficou quieto enquanto cantava, mas logo que terminei começou a aplaudir com os pés.»

A relação fortalece-se mais ainda com o parto/nascimento, momento único de encontro entre a mãe e o recém-nascido, entre a luz e a obscuridade, entre a vida e a morte, entre a esperança e o nada.

Depois do nascimento este contacto íntimo não se interrompe nem se atenua: prossegue com o calor do envolvimento pelos braços da mãe, o contacto pele-com-pele, o odor do corpo e do leite da mãe, a visão da sua face (olhos amorosos, sorriso), a audição das palavras que Ihe murmura ou das baladas que Ihe canta e, finalmente, com o aleitamento ao peito, hora de felicidade para o bebé – o bem-estar gastronómico – que Freud distinguiu de todos os outros ao chamar-Ihe «vinculação primária».

Este contacto íntimo prossegue com os cuidados de higiene – as sensações agradáveis que provém da limpeza de pele, do mudar de fralda e do banho, que Ihe vai agradavelmente evocar o ambiente em que vivia enquanto no útero.

Depois, ao longo da infância, e embora haja pais que colaboram, as mães continuam a ser as principais intervenientes na vida dos filhos.

Em geral são elas que tem uma presença mais efectiva, que os vestem, que escolhem o menu, cozinham para eles e os alimentam, que Ihes contam aquelas histórias que, embora repetidas centenas de vezes, eles não se cansam de ouvir, e nas quais não toleram a mais pequena alteração e que, embora contendo por vezes episódios assustadores e violentos, são apaziguadoras devido ao *happy end* que eles já conhecem e que acaba sempre por acontecer.

E quando eles estão doentes são ainda as mães que mais os consolam, que melhor Ihes esticam os lençóis e dão conforto, que primeiro advinham os seus desejos, que antes de ninguém sabem prever qualquer modificação do seu estado.

E se, segundo os métodos de Watson, se fizer uma investigação mais rigorosa e mais objectiva que subjectiva do comportamento dos pais ou mães e dos filhos, as diferenças são ainda mais flagrantes.

Para estas observações secretas e não suspeitadas o ideal foi, em tempos, o buraco da fechadura. Porém, com o advento das fechaduras *Yale* e de outras mais modernas esta técnica tornou-se impraticável.

Hoje usam-se vídeos o que nem sempre é simples.

Há, contudo, na actual civilização urbana, uma oportunidade quase tão perfeita para se conseguir os fins em vista, que recomendo aos psicólogos: a análise do comportamento das pessoas dentro dos seus carros parados em engarrafamentos, pois, não se sabe por que obscuros mecanismos, ali se sentem em intimidade e protegidas dos olhares estranhos, agindo consequentemente.

Também, nestas circunstâncias, há estereótipos sexuais: as mulheres vêm-se no espelho retrovisor, pintam os olhos ou a boca; os homens (facto nunca observado nas mulheres) limpam o nariz.

E se há crianças, dentro do automóvel e apenas um dos progenitores, se é o pai todos estão calados com um ar profundamente aborrecido, se é a mãe há, em regra, uma conversa animada.

Finalmente, e parece-me a prova maior da solidez do elo mãe/filhos, se a maioria das brincadeiras, especialmente as mais violentas, se passam com o pai, quando as coisas correm mal e a criança se magoa, é para a mãe que ele corre e no seu abraço que se refugia.

As crianças não olham com os mesmos olhos o pai e a mãe.

O pai simboliza o rigor, a autoridade, a disciplina, a distância, a severidade, o mundo exterior, a luta, o ideal enquanto a mãe simboliza a virtude, a juventude, a doçura, a paz, o amor, o lar, o interior, a vida doméstica.

As crianças criticam mais facilmente o pai e a sua relação com ele é influenciada e por muitos variáveis – idade, estrato social, habilitações escolares, profissão, – ao passo que a relação com a mãe – certamente por ser mais sólida – não é afectada por essas variáveis.

Ainda, mais tarde, quando adultos e por vezes até avançados na idade, a recordação que dos

progenitores Ihes ficou é completamente diferente.

A literatura é uma excelente fonte de testemunhos desse tipo.

Os casos descritos por André Gide, Henry Miller, François Mauriac ou Hervé Bazin, de mães angustiadas ou hiperprotectoras que levam os filhos à revolta e ao ódio, ou os deformam transformando-os em adultos tímidos, misóginos ou isolados não são raros. Realmente, em muitas histórias clínicas de adultos com doença psíquica surge uma mãe dominadora e asfíxiante, ou ansiosa e infeliz, ou, simplesmente, indiferente e ausente.

Porém, na maioria dos casos a acção da mãe é benéfica e ninguém melhor que os poetas está vocacionado para o exprimir.

Guerra Junqueiro, já avançado nos anos, escreveu num livro marcado pela iconoclastia, palavras que reflectem a profunda intimidade do contacto com sua mãe:

«Minha mãe, minha mãe, ai que saudade imensa
Do tempo em que ajoelhava, orando ao pé de ti.»

A Velhice do Padre Eterno

E Augusto de Santa-Rita, certamente inspirado por Guerra Junqueiro, escreveu num dos livros que melhor retrata o universo das crianças:

«Minha mãe, que saudade, ai que imensa saudade,

D' aquelle tempo d' oiro em que eu era menino.»

O Mundo dos meus Bonitos

Fernando Pessoa, menino precoce, aos 7 anos, perante a hipótese de ser separado de sua mãe, prestes a partir para Durban, dedica-lhe esta quadra onde expressa o medo do afastamento:

«Eis-me aqui em Portugal
Nas terras onde nasci.
Por muito que goste d' ellas,
Ainda gosto mais de ti.»

Fernando Pessoa – Uma Fotobiografia

Miguel Torga evoca o poder da voz de sua mãe:

«Mãe:
Que visita tão pura me fizeste

Neste dia! [...]

Ia chorar de medo e de abandono
Então vieste, e outra vez cantaste
Até que veio o sono.»

Diário IV

Manuel Cerqueira testemunha a omnipresença de sua mãe:

«Renasceu no meu sonho, a casa da minha infância. Encontrei-a vazia, mas estranhamente habitada, estranhamente toda habitada pela minha Mãe.»

Menino no Deserto!

Finalmente, Almada Negreiros chama:

«Mãe!... Eu já fui menino verdadeiro a quem tu destes de mamar!... Quando tu me beijavas o Sol não doía tanto na minha pele!

Mãe! Vem ouvir a minha cabeça a contar histórias ricas que ainda não viajei!

Mãe! Ata as tuas mãos às minhas e dá um nó cego muito apertado!

Mãe! Passa a tua mão pela minha cabeça!»
A Invenção do Dia Claro

Esta visão do problema que dá à mãe uma tão grande prioridade pode parecer um pouco maniqueísta mas apoiam-na os poetas, criaturas insuspeitas que em si contêm o que há de mais puro na nossa sensibilidade.

RESUMO

Refere-se a importância dos papéis sexuais na distinção entre os sexos, a sua aquisição na vida pré-natal, na primeira infância e na escola, e o que hoje a sociedade espera e exige da mulher e do homem, discutindo-se se se justifica a ambição de alcançar uma identidade total entre os sexos.

Descreve-se a relação entre os progenitores e os filhos, salientando-se a força da relação com a mãe que se inicia na gestação e permanece ao longo de toda a vida.

ABSTRACT

The importance of gender role in the differentiation between sexes is referred as well as its' acquisition

during prenatal life, infancy, and school time, stressing what society today expects and demands of women and men and questioning if a total identity between sexes is fundamental.

The interaction between parents and their children is set forth, sustaining the strength of the relationship with the mother, which begins during gestation and remains the whole life through.